



## FORMA E VITALIDADE URBANA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CHAPECÓ –SC

VILLELA, Ana Laura Vianna (1); ORTMEIER, Aléxander Augusto (2); SCHNEIDERS, Emanuelli (3)

(1) Unochapecó; doutoranda Dinter UFFS-UFRJ; Chapecó/SC; avillela@unochapeco.edu.br

(2) Unochapecó; bolsista Uniedu; Chapecó/SC; alex\_sankas@unochapeco.edu.br

(3) Unochapecó; bolsista voluntária; Chapecó/SC; manu\_schneiders@unochapeco.edu.br

### RESUMO

O processo de viver coletivamente é uma experiência humana tão antiga quanto o próprio homem. Com isso, a sociedade vem construindo soluções diversas que atendam as necessidades de cada época, influenciadas pelos contextos sociais, históricos, culturais e tecnológicos vigentes. Atualmente o acesso a cidade é pautado pela lógica de produção capitalista do solo urbano, que conduz o processo de urbanização em diversas facetas. Teoricamente uma das ideias mais elucidativa de qualidade de vida nos centros urbanos foi argumentada por Jane Jacobs na década de 1960 por meio da proposta de planejamento para a vitalidade. Neste sentido entende-se que investigar momentos de consolidação da estrutura do núcleo urbano de Chapecó, auxilia a compreender a sua forma de composição e a vitalidade e ele associada, visto que se busca elucidar o que se chamou como o extrato mais exógeno da decisão pela vitalidade urbana: a forma urbana. A construção das cartografias se mostrou um campo instigante de dúvidas e de tomada de decisões. Trabalhou-se com três períodos temporais significativos do processo de consolidação do núcleo urbano: um antes da década de 1980, outro depois desta década e o terceiro na atualidade. Optou pela metodologia das cartografias de figura/fundo, onde a figura são os espaços livres e públicos e fundo as áreas privadas, a compreensão da verticalização edilícia e as possibilidades de conexões/ acessos do traçado, bem como a verificação da diversidade de uso proposta. A análise comparativa revelou que a estrutura fundiária do núcleo urbano de Chapecó ao longo de sua consolidação foi perdendo potencial para efetivação da vitalidade urbana como um projeto de sociedade para a cidade e que na sua origem a representava.

**Palavras-chave:** vitalidade urbana; forma urbana; Chapecó.





## **MORPHOLOGY AND URBAN VITALITY: REFLECTIONS ON THE PROCESS OF CHAPECÓ -SC**

### **ABSTRACT**

*The process of living together is a human experience as old as man himself. With this, the society has built a number of solutions that meet the needs of every age, influenced by social, historical, cultural and technological force. Currently access to the city is ruled by capitalist production logic of urban land, leading the process of urbanization in many facets. Theoretically one of the most enlightening ideas of quality of life in urban centers was argued by Jane Jacobs in the 1960s through the planning proposal for vitality. In this sense it is understood that investigate moments of consolidation of the urban center of Chapecó structure helps to understand their way of composition and vitality and associated with it, since it seeks to elucidate what is called as the most exogenous extract of the decision urban vitality: the urban form. The construction of cartographies proved to be an exciting field of questions and decision-making. He worked with three significant time periods of the urban core consolidation process: one before the 1980s, another later this decade and the third today. We opted for the methodology of the figure of cartography / back ground, where the figure are free and public spaces and back ground the private areas, understanding the bulding verticalization and possibilities of connections / route of access, as well as verification of the proposed use of diversity. The comparative analysis showed that the physic structure of the urban center of Chapecó along its consolidation was losing potential for realization of urban vitality as a society project for the city and that in its origin represented.*

**Key-words:** urban vitality; urban form; Chapecó.

## **1 INTRODUÇÃO**

Viver coletivamente é uma experiência humana tão antiga quanto o próprio homem. Com isso, a sociedade vem construindo soluções diversas que atendam as necessidades de cada época, influenciadas pelos contextos sociohistóricos, culturais, tecnológicos,... vigentes.

Efetivamente, uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excelente bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas. (CULLEN, 1983, p. 09).

Gehl e Gemzoe (2002) ilustram em seu estudo a perda de atratividade dos espaços públicos ao longo dos anos. Gradativamente as cidades trocaram o seu projeto coletivo/público de sociedade que se espacializava em espaços públicos como lugar de encontro, de comércio e de circulação (século XVIII) para render-se a rua como o lugar do fluxo intenso de veículos, relegando o pedestre a pequenas



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



calçadas e pátios espaços de convivência (século XIX). A retomada desta discussão no século XX faz com que novos conteúdos, formas e conceitos se espacializem nas cidades: “Venha, seja bem vindo. Passeie um pouco, descanse e permaneça o quanto quiser.” (GEHL; GEMZOE, 2002, p. 10).

Nestes movimentos “a vida urbana parece uma parte incidental da vida social; o espaço, um mero pano de fundo das nossas ações conjuntas.” (NETTO, 2016, p. 117). Contrariando este pensamento, assim como Netto (2016) só que por outro viés, esta reflexão busca mostrar a intrínseca a relação forma urbana-vida social e como esta forma urbana pode ser entendida como o extrato mais exógeno da decisão pela vitalidade urbana.

O Brasil passou por inúmeras transformações urbanas, principalmente a partir dos anos de 1980, quando cresceram e se alteraram, também, os papéis das cidades não metropolitanas. Esta movimentação foi muito influenciada pelos processos de industrialização e pela revolução informacional que abarcaram o contexto metropolitano, bem como acarretaram novos arranjos de organização e dinâmica destes espaços. (Santos, 1993). Ainda no contexto da urbanização brasileira observou-se nas últimas décadas um significativo crescimento das cidades “que estabelecem intermediação entre cidades maiores e menores no âmbito de diferentes redes urbanas e que, portanto, diferem das denominadas ‘cidades de porte médio’ cujo reconhecimento advém de seus tamanhos demográficos”. (SPOSITO, 2007, p. 9). Para Corrêa (2007) a compreensão destes territórios perpassa pela combinação articulada entre tamanho demográfico, funções urbanas e a organização do espaço urbanizado. Chapecó-SC, cidade analisada neste artigo, é um dos núcleos urbanos que ganha expressão a partir deste contexto nacional e por isso a década de 1.980 é um marco importante para a análise da conformação de sua forma urbana.

Atualmente o acesso a cidade é pautado pela lógica de produção capitalista do solo urbano, que conduz o processo de urbanização em diversas facetas. Teoricamente uma das ideias mais elucidativa de qualidade de vida nos centros urbanos foi argumentada por Jane Jacobs na década de 1960 por meio da proposta do planejamento para a vitalidade, onde defende que as ruas devem ser desenhadas e equipadas para receber os desconhecidos com segurança e acolhimento: ponto fundamental para serem utilizadas. Usuários seguros usam mais o espaço, em contrapartida, usuários inseguros se retiram do convívio nas ruas.

Para tanto Jacobs destaca três características fundamentais da vitalidade: nítida demarcação entre os espaços públicos e privados, pois a indefinição dificulta o controle do espaço (será aqui analisada pela cartografias de figura/fundo); a existência de olhos sob as ruas, pois são as comunidades em vivência que produzem a sensação de segurança (será aqui analisado pelo processo de verticalização



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



edilícia e pelas possibilidades de conexões/acessos do traçado); e a manutenção ininterrupta dos usuários pelas calçadas, aumentando o número de olhos sob o espaço (será aqui analisada pela diversidade de uso proposta na legislação municipal).

A partir disso Jacobs sintetiza que o estímulo e a indução de um maior e mais variado espectro de diversidade de usos e de pessoas serve como importante base para atividades econômicas e sociais alimentando o magnetismo urbano pronunciado por Cullen também nesta mesma década. Del Rio (1990) contribui com o importante acréscimo do vínculo temporal, que relaciona a discussão ao registro no tempo e a carga histórica de cada local e que é muito importante para esta reflexão.

Neste sentido entende-se que investigar os elementos acima citados em diferentes momentos de consolidação da estrutura do núcleo urbano de Chapecó, auxilia a compreender a forma de composição deste núcleo urbano e a possível vitalidade e ele associada.

## 2 A METODOLOGIA

A partir das discussões de Gerhardt e Silveira (2009) a metodologia vislumbrada para esta pesquisa é de abordagem qualitativa ao não se preocupar com a representatividade numérica e sim com o aprofundamento da compreensão da vitalidade na cidade de Chapecó/SC enquanto qualificadores da paisagem e da vida urbana; de natureza aplicada ao objetivar a construção de conhecimentos para aplicação prática em cidades médias; de objetivo exploratório ao preocupar-se com a familiarização do processo de consolidação do núcleo urbano com intuito de explicitar os resultados e construir reflexões.

Assim este trabalho utiliza como estratégia o estudo de caso. Segundo Yin (2010), o estudo de caso é utilizado para contribuir com o conhecimento que se tem dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados. Os estudos de caso exploratórios permitem ao investigador elencar elementos e diagnosticar um caso com perspectivas de generalização naturalística. Conforme Gil (2002), o estudo de caso do tipo exploratório busca uma maior familiaridade com o problema exposto e o aprimoramento de ideias ou até mesmo a descoberta de novos fatos, sendo seu planejamento mais flexível. Salienta-se que esta é uma reflexão piloto do que se entende ser uma futura metodologia de análise comparativa da vitalidade urbana em cidades médias brasileiras.

A construção das cartografias mostrou ser um campo instigante de dúvidas e de tomada de decisões, visto estarem analisando um espaço urbano próximo e relativamente conhecido, mas procurando-se



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



refletir sobre uma metodologia aplicável em outras cidades médias brasileiras e portanto distantes e não tão familiares.

Trabalhou-se com três períodos temporais significativos do processo de consolidação do núcleo urbano das cidades médias: um antes da década de 1980, outro depois desta década e o terceiro na atualidade. Buscou-se elucidar o que se entende como o extrato mais exógeno da decisão pela vitalidade urbana a partir do estudo dos três aspectos mais significativos expostos por Jacobs:

- cartografias de figura/fundo, onde a figura são os espaços livres e públicos e fundo são as áreas privadas, a fim de explicitar a nítida demarcação entre estes espaços e com isso identificar a predisposição /intencionalidade para o controle do espaço;
- verticalização das edificações e as possibilidades de conexões/acessos do traçado a fim de compreender a existência de olhos sob as ruas, pois são as comunidades em vivência que produzem a sensação de segurança;
- diversidade de uso proposta no plano diretor a fim de observar a intencionalidade do incentivo à circulação de usuários pelas calçadas.

A base das informações dos mapas foi construída a partir de Facco, Fujita e Berto (2014); MUB 2016 e dos dados do Anexo III: Macrozona Urbana e Subdivisões do Plano Diretor Chapecó de 2014. Complementarmente se realizou a conferência dos lotes via google street view ou *in loco* a fim de diferenciar espaços abertos (sem ocupação) de praças, parques e áreas verdes (com ocupação), por exemplo. Estes foram espacializados em tons monocromáticos da seguinte maneira:

- preto (figura) para as áreas públicas (praças, praças, ...) e as caixas de rua (espaço público contíguo compreendido entre os alinhamentos prediais);
- branco (fundo) para as áreas privadas e os vazios urbanos; e
- sobrepostos aos anteriores cinza (figura) para as áreas de preservação (APP) das margens dos cursos d'água.

Num segundo momento, a luz de Villela (2007) e das reflexões de Jacobs sobre a natureza peculiar das cidades fez-se a análise qualitativa das áreas dos diferentes usos das caixas de ruas, diferenciando a área de circulação de veículos das áreas de convívio. Assim foi possível compreender a porcentagem média de área reservada para os canteiros e calçadas (entendido efetivamente como de uso público e coletivo e, portanto induzindo a vitalidade) e a parcela média ocupada pelas pistas de rolamento dos veículos (entendido como público de uso restrito ao veículo privado e em velocidade e, portanto não induzindo a vitalidade). Por fim realizou-se a análise comparativa dos



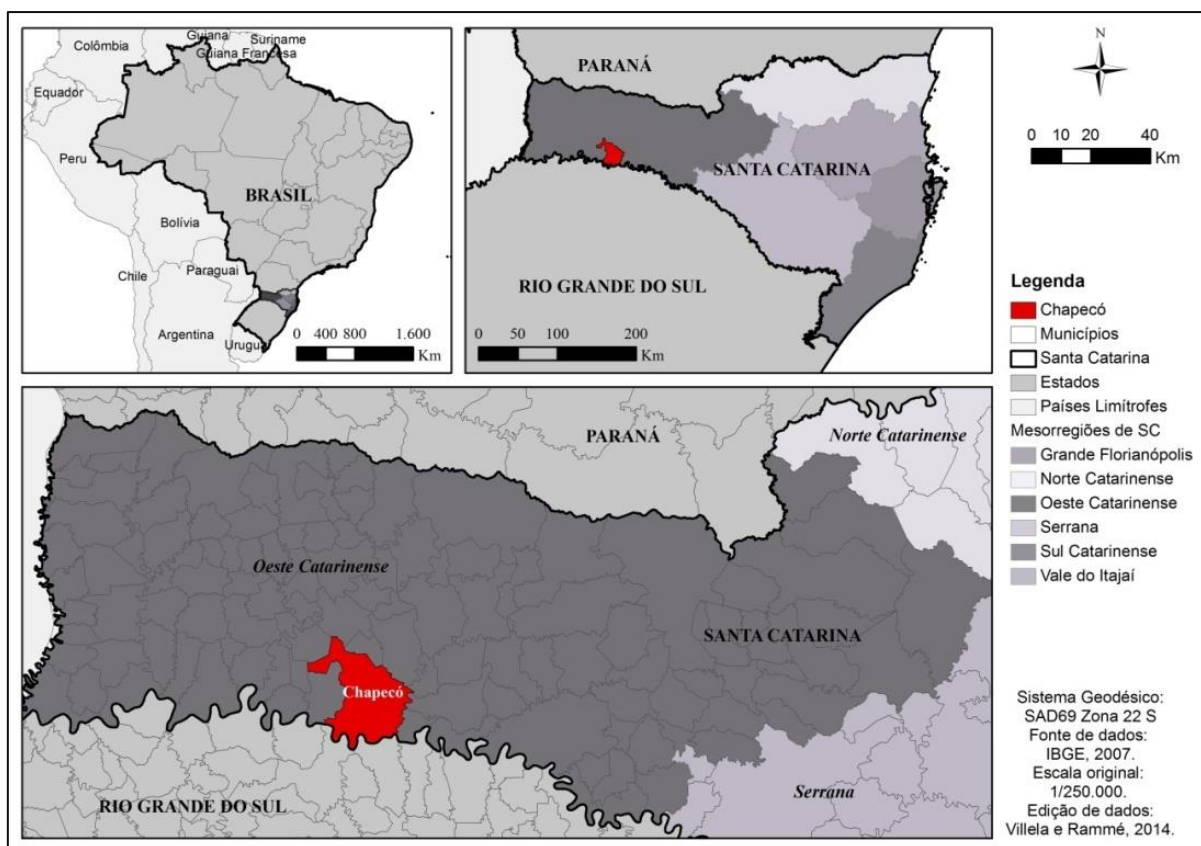
XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



dados e resultados dos três períodos estudados onde se pode compreender o que se chamou de extrato mais exógeno da decisão, ou não, pela vitalidade urbana.

### 3 VITALIDADE NO PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA FORMA URBANA

Após vários anos de disputa pela posse da terra do oeste catarinense, tanto internacional com o país Argentina quanto nacional com o Estado do Paraná, tem-se em 1917 a Lei 1.147 que cria o Município de Chapecó (Figura 1).

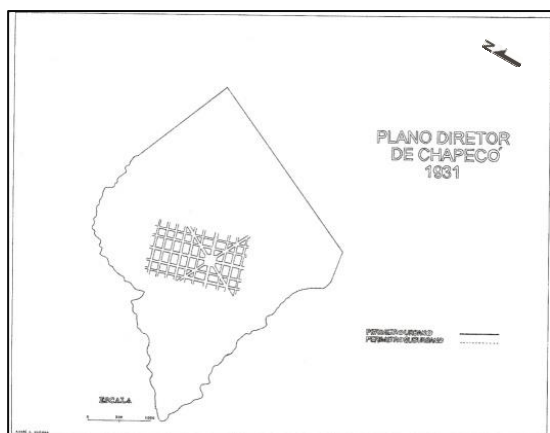


**Figura 1:** Mapa de situação do município de Chapecó no oeste catarinense, estado de Santa Catarina/Brasil.  
Fonte: IBGE, 2007. Edição: Villega e Rammé, 2014.

A forma urbana da década de 1930 se caracteriza basicamente por ruas largas, de ampla conexão e acesso, e edificações de um pavimento (Figura 2 e 3). As torres da Igreja eram os elementos edilícios mais imponentes na paisagem urbana e a relação entre altura das edificações e caixa de rua se apresentava generosa quanto às possibilidades de iluminação e ventilação tanto das edificações quanto das áreas públicas de circulação e convívio.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

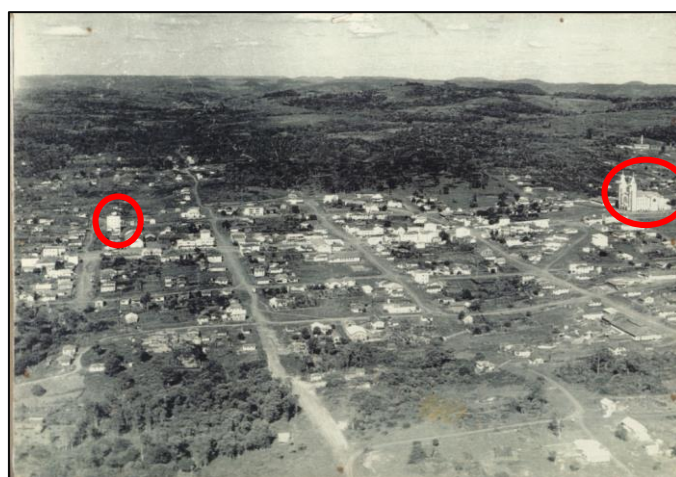


**Figura 2:** Mapa de Chapecó – Ano 1933  
FONTE: Colonizadora Bertaso.



**Figura 3:** Vista da Av. Getúlio Vargas. Chapecó, década de 30  
Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

Na década de 1950 sob a mesma estrutura fundiária tem-se o início das construções em alvenaria: técnica construtiva que possibilitou a consolidação do processo de verticalização edilícia e com isso o início do processo de alteração da paisagem urbana. Num primeiro momento as edificações de mais pavimentos se destinavam ao atendimento da demanda religiosa e produtiva/econômica local, o que pode ser observado na Figura 4, onde se tem o destaque do Moinho (a esquerda da figura) e a Igreja Católica (a direita da figura).



**Figura 4:** Vista da cidade de Chapecó no final da década de 50, logo após a construção da Catedral Santo Antonio, em substituição à antiga igreja queimada (a direita) e em destaque o Moinho (a esquerda).  
Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó.

Na década de 1960 e 1970 se tem a consolidação deste processo construtivo principalmente em dois pavimentos. Na avenida principal da cidade, chegou-se a quatro pavimentos em alguns casos.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Basicamente estas edificações abrigavam comércio e/ou serviços no térreo e uso residencial nos demais pavimentos, que conjuntamente com as possibilidades de conexões/ acessos do traçado, induziam e intensificavam as relações sociais nas calçadas: o que passaria a ser uma característica local. (Figura 5).



**Figura 5:** Vista da Av. Getúlio Vargas. Chapecó, década de 1960.  
Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

A análise da forma urbana de 1965 (Figuras 6 e 7) que atendia uma população de 10.939 habitantes (ou seja, 21% da população total do município segundo dado IBGE 1960) permite compreender que do núcleo urbanos de 298,87 ha,  $\approx 32,66\%$  eram de áreas públicas e caixas de ruas e que  $\approx 67,34\%$  correspondiam à área parcelada privada ou vazio urbano. A clara demarcação público/privado mostra a predisposição /intencionalidade para o controle do espaço. Dentro da área de caixa de rua tem-se que  $\approx 32\%$  se destinavam efetivamente aos canteiros e calçadas, ou seja, ao uso coletivo. Somando os  $\approx 0,74$  ha de Áreas Livres Verdes e de Lazer Público aos  $\approx 31$  ha dos canteiros e calçadas, tem-se  $\approx 31,74$  hectares ( $\approx 10,62\%$  do total da área urbana) de espaços de uso público e coletivo. Sobre as áreas públicas e/ou privadas tem-se  $\approx 19,16$  hectares ( $\approx 6,41\%$  do total da área urbana) de Áreas de Preservação Permanente que também qualificam a vida urbana, o que totaliza  $\approx 50,9$  hectares ( $\approx 17\%$  do total da área urbana) de áreas disponíveis para qualificação da vida pública/coletiva na área urbana.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

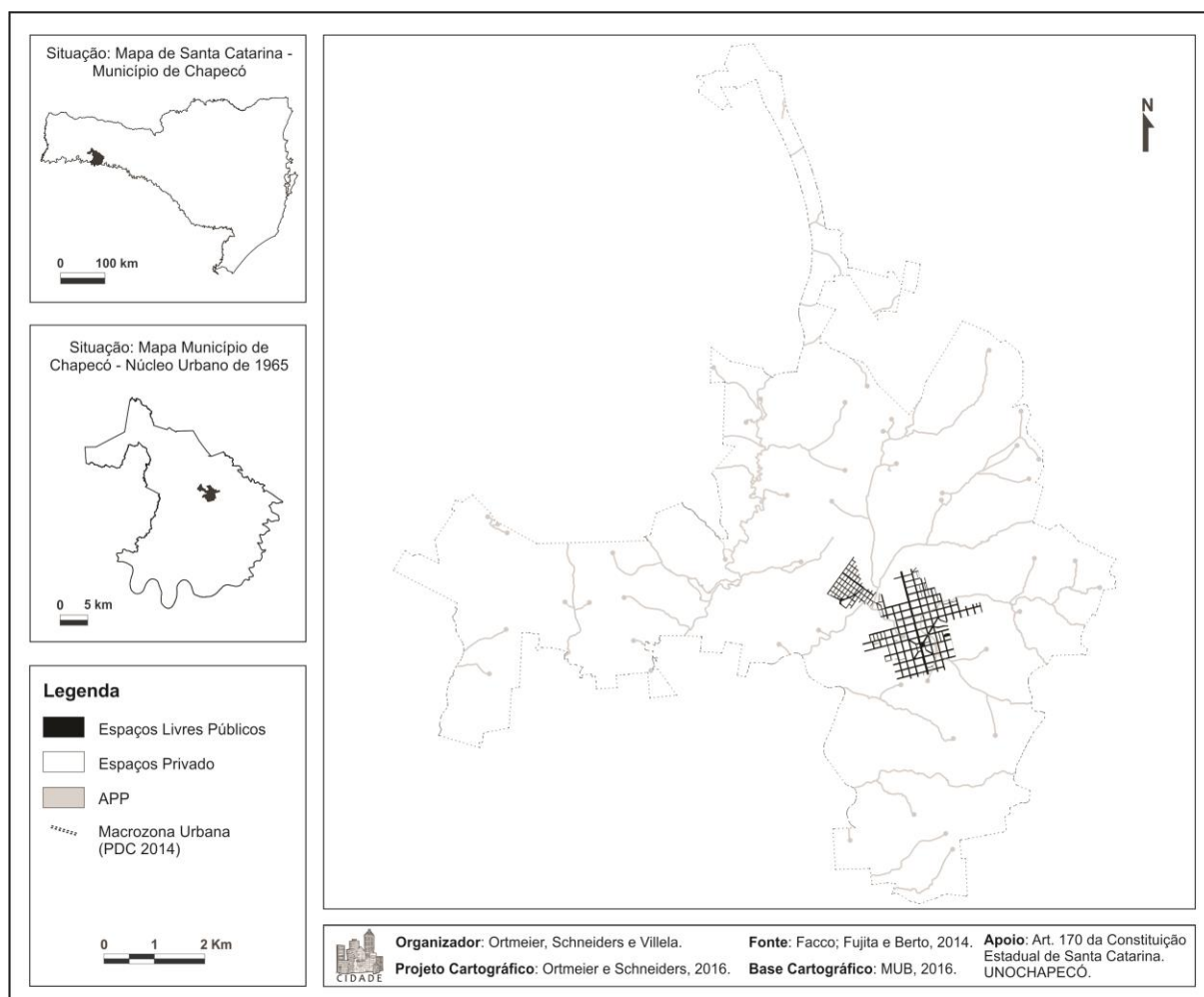


Figura 6: Mapa Figura/Fundo do núcleo urbano de Chapecó. 1965.

CHAPECÓ - 1965			
ESPAÇOS	ÁREAS (hectare)	ÁREAS (%)	
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS*	97,61	32,66	
ESPAÇOS PRIVADOS**	201,25	67,34	
<b>TOTAL***</b>	<b>298,87</b>	<b>100</b>	
ÁREA DE PRESERVAÇÃO (APP)****	19,16	6,41	
CAIXA DE RUA			
ÁREA TOTAL (hectare)	USO COLETIVO (valor médio canteiros e calçadas) (%)	CANTEIRO E CALÇADA (hectare)	PISTA DE ROLAMENTO DE VEÍCULOS (hectare)
97	32	31	66





### ÁREAS LIVRES VERDES E DE LAZER PÚBLICO

ÁREA TOTAL (hectare)	% Total
0,74	0,25

**Figura 7:** Tabela da análise qualitativa do Núcleo Urbano de 1965.

\* Espaços Livres públicos entendido como o somatório das áreas de praças, parques, áreas verdes e caixa de rua.

\*\* Espaço privado entendido como a área parcelada ou vazio urbano (privada).

\*\*\* Total entendido como totalidade da área do núcleo urbano no período.

\*\*\*\* APP calculada pela totalidade da área no período, mas não computada no total visto que em parte estão sob as áreas privadas e em parte estão sobre os espaços públicos.

Na década de 1980 se tem a consolidação deste processo construtivo principalmente em quatro pavimentos, chegando a seis em alguns casos (Figura 8). Esta verticalização ocorre ao longo da Avenida Getúlio Dorneles Vargas (principal rua da cidade) e ao redor da Praça Coronel Ernesto Bertaso, praça cívica que abrigava naquele momento os poderes: religioso (Igreja Católica) e político (sede da prefeitura municipal). Do ponto de vista das caixas de rua observa-se a manutenção dos sistemas lineares de generosas dimensões (visto a pífia consolidação do núcleo neste momento), reforçando que Chapecó sempre teve um desenho urbano audacioso, mas que desde sua origem resguarda boa parte desta área para a circulação de veículos. De todo modo se tem neste momento as bases locacionais e técnico-construtivas da verticalização edilícia na Cidade de Chapecó/SC e que irá impactar sobre esta estrutura urbana.



**Figura 8:** Vista da Cidade de Chapecó com o colégio Marechal Bormann e a Catedral Santo Antônio em primeiro plano. Chapecó década de 1980.

Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

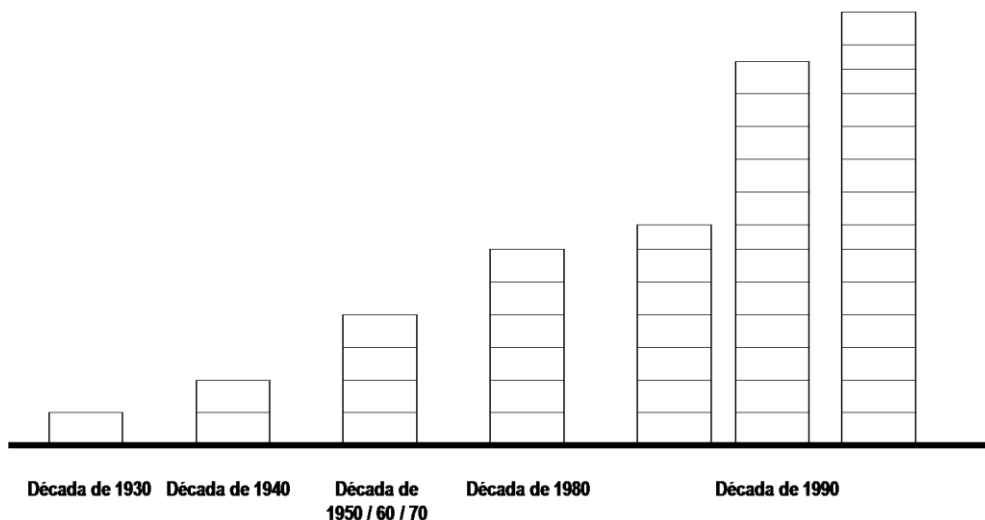


Na década de 1990 é que efetivamente se pode observar na paisagem urbana da cidade, o impacto da verticalização edilícia (Figura 9) que ocorreu na mesma área urbana central, histórica e já consolidada, e que explicitou a necessidade de ordenar a ocupação do solo no município.



**Figura 9:** Vista cidade década de 90  
Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

De modo geral o que se pode observar é que os Planos Diretores de Chapecó explicitaram e legalizaram a verticalização edilícia na malha urbana da cidade (Figura 10). Infelizmente nada se observa quanto à necessidade de avaliação deste incremento edilício tanto na paisagem urbana quanto na infraestrutura necessária para atender esta demanda acrescida, bem como da importância de resguardar áreas verdes, espaços públicos,... que efetivamente garantiriam a qualidade de vida da comunidade nestas áreas. Somado a isso se tem a permissão de utilizar o térreo e o primeiro pavimento para as garagens, cegando o contato com a rua, e com isso abrindo mão da segurança nas ruas – processo que se intensifica a cada revisão de plano diretor.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



**Figura 10:** Simulação esquemática da verticalização na Zona Comercial 1 do Plano Diretor Físico-Territorial de Chapecó de 1990

Fonte: Villela, 2016.

A análise da estrutura do núcleo urbano de 1996 (Figuras 11 e 12) que atendia uma população de 113.988 habitantes (ou seja, 87% do total do município segundo contagem IBGE 1996) ilustra esta compreensão ao se apresentar claramente com uma expansão da malha com caixas de rua em torno de 15 a 20m, ou seja, em muitos casos é retirado o canteiro central e a calçada passa de 3m para 2m: uma clara contradição com as intenções do desenho original e que caracterizava a cidade até este momento e reduzindo o incentivo as vivências coletivas e consequentemente a vitalidade e a segurança.

Os dados deste período permitem compreender que do núcleo urbanos de  $\approx 3.755,08$  hectares,  $\approx 23,27\%$  eram de espaços livres públicos e caixas de rua e que  $\approx 76,73\%$  correspondiam à área parcelada privada ou vazios urbanos. Dentro da área de caixa de rua tem-se que  $\approx 29\%$  se destinavam efetivamente aos canteiros e calçadas, ou seja, ao uso coletivo.

Somando os  $\approx 41,76$  hectares de Áreas Livres Verdes e de Lazer Público aos  $\approx 241,28$  hectares de canteiro e calçada, tem-se  $\approx 283,04$  hectares ( $\approx 7,54\%$  do total da área urbana) de espaços de uso público e coletivo.

Sobre as áreas públicas e/ou privadas tem-se  $\approx 162,48$  hectares ( $\approx 4,33\%$  do total da área urbana) de Áreas de Preservação Permanente que qualificam a vida urbana, o que totaliza  $\approx 445,52$  hectares ( $\approx 11,87\%$  do total da área urbana) de áreas disponíveis para qualificar a vida pública/coletiva na área urbana.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

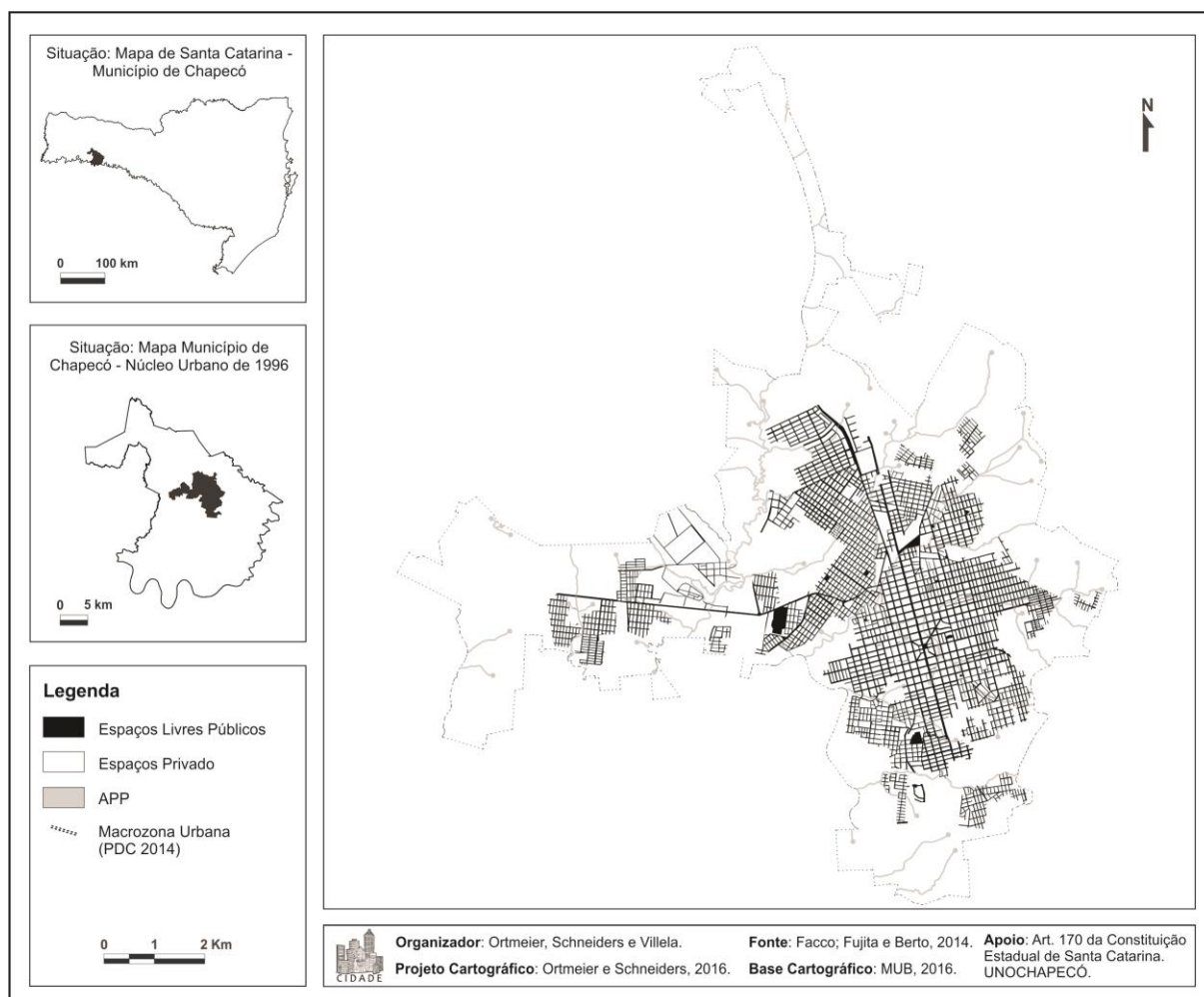


Figura 11: Mapa Figura/Fundo do núcleo urbano de Chapecó. 1996.

CHAPECÓ - 1996		
ESPAÇOS	ÁREAS (hectare)	ÁREAS (%)
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS*	873,75	23,27
ESPAÇOS PRIVADOS**	2.881,33	76,73
<b>TOTAL *** :</b>	<b>3.755</b>	<b>100</b>
ÁREA DE PRESERVAÇÃO (APP)****	162,48	4,32

CAIXA DE RUA			
ÁREA TOTAL (hectare)	USO COLETIVO (valor médio canteiros e calçadas) (%)	CANTEIRO E CALÇADA (hectare)	PISTA DE ROLAMENTO DE VEÍCULOS (hectare)
832	29	241,28	590,72

ÁREAS LIVRES VERDES E DE LAZER PÚBLICO	
ÁREA TOTAL	% TOTAL



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



(hectare)	
41,76	1,12

**Figura 12:** Tabela da análise qualitativa do Núcleo Urbano de 1996.

- \* Espaços Livres públicos entendido como o somatório das áreas de praças, parques, áreas verdes e caixa de rua.
- \*\* Espaço privado entendido como a área parcelada ou vazio urbano (privada).
- \*\*\* Total entendido como totalidade da área do núcleo urbano no período.
- \*\*\*\* APP calculada pela totalidade da área no período, mas não computada no total visto que em parte estão sob as áreas privadas e em parte estão sobre os espaços públicos.

A análise da forma urbana de 2016 (Figuras 13 e 14) que atende uma população de  $\approx 205.795$  habitantes (estimativa Censo IBGE 2015) apresenta uma expansão da malha com caixas de rua em torno de 11 a 20m. Nestas, em muitos casos, é retirado o canteiro central e a calçada permanece reduzida, além da redução na pista de rolamento de veículos, reforçando a clara contradição com as intenções do desenho original (de conexão e articulação do sistema) e que caracterizava a comunidade chapecoense na sua origem.

Os dados deste período permitem compreender que do núcleo urbano de  $\approx 6.304,42$  hectares,  $\approx 21,53\%$  eram de espaços livres públicos e de caixas de rua e que  $\approx 78,47\%$  correspondiam à área parcelada privada ou vazio urbano. Dentro da área de caixa de rua tem-se que  $\approx 30\%$  se destinavam efetivamente aos canteiros e calçadas, ou seja, ao uso coletivo

Somando os  $\approx 133,49$  hectares de Áreas Livres Verdes e de Lazer Público aos  $\approx 367,20$  hectares de canteiro e calçada, tem-se  $\approx 500,69$  hectares ( $\approx 7,92\%$  do total da área urbana) de espaços de uso público e coletivo.

Sobre as áreas públicas e/ou privadas tem-se  $\approx 235,47$  hectares ( $\approx 3,73\%$  do total da área urbana) de Áreas de Preservação Permanente que qualificam a vida urbana, o que totaliza  $\approx 736,16$  hectares ( $\approx 11,67\%$  do total da área urbana) de áreas disponíveis para qualificar a vida no núcleo urbano.

Importante observar que o *pseudo* aumento no valor médio dos canteiros e calçadas deste período não estão vinculadas a um aumento real destes espaços, mas sim a redução das pistas de rolamento dos veículos, onde muitas vezes foram retirados os estacionamentos destas vias, e que a longo prazo além de não qualificar os espaços de convívio coletivos compromete a mobilidade urbana como um todo.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

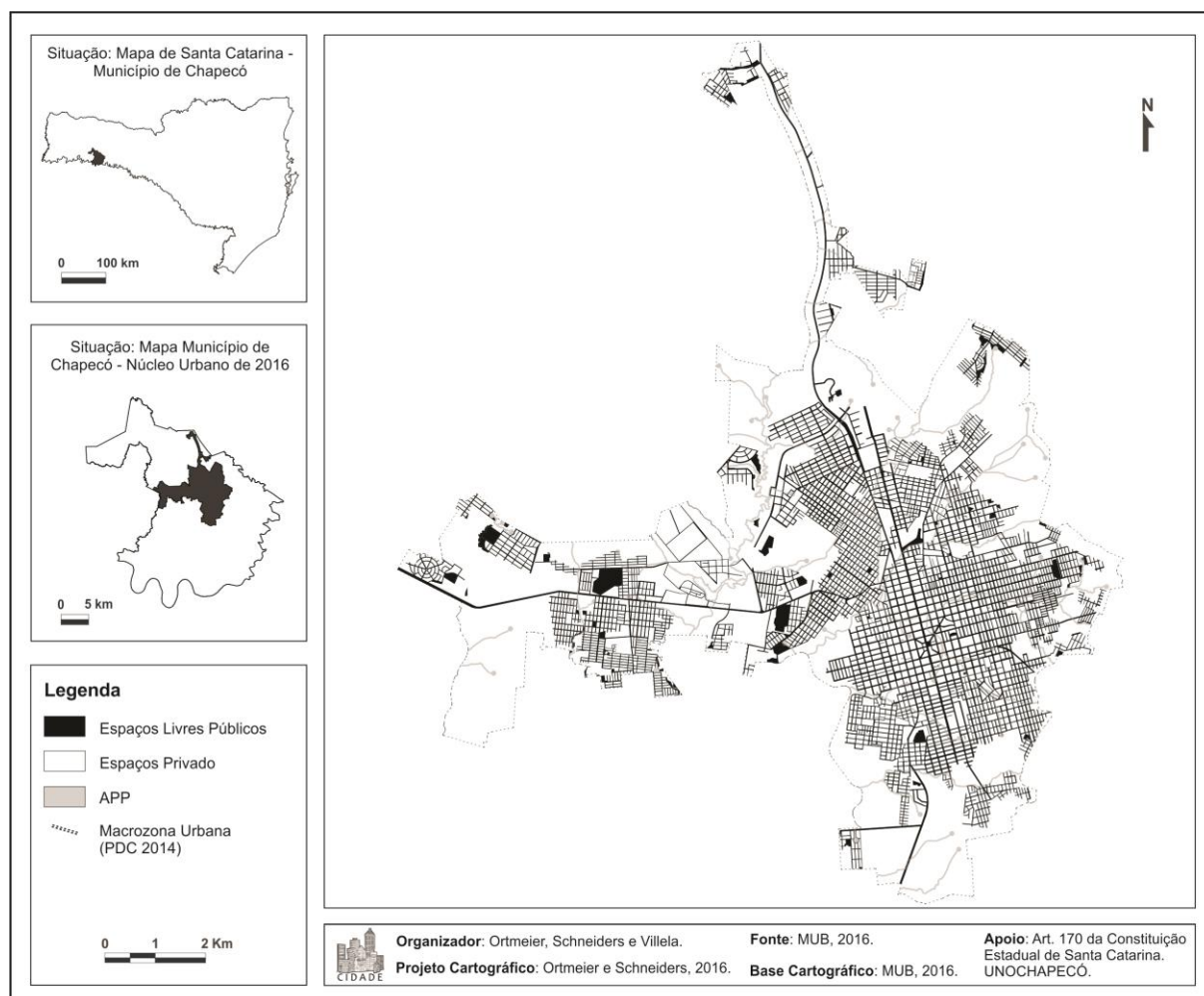


Figura 13: Mapa Figura/Fundo do núcleo urbano de Chapecó. 2016.

**CHAPECÓ - 2016**

	ÁREAS (hectare)	ÁREAS (%)
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS*	1.357,46	21,53
ESPAÇOS PRIVADOS**	4.946,97	78,47
<b>TOTAL***:</b>	<b>6.304,42</b>	<b>100</b>
ÁREAS DE PRESERVAÇÃP (APP)****	235,47	3,73

**CAIXA DE RUA**

ÁREA TOTAL (hectare)	USO COLETIVO (valor médio canteiros e calçadas) (%)	CANTEIRO E CALÇADA (hectare)	PISTA DE ROLAMENTO DE VEÍCULOS (hectare)
1.224	30	367,20	856,80

**ÁREAS LIVRES VERDES E DE LAZER PÚBLICO**

ÁREA TOTAL (hectare)	% TOTAL



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



133,49	2,18
--------	------

**Figura 14:** Tabela da análise qualitativa do Núcleo Urbano de 2016.

- \* Espaços Livres públicos entendido como o somatório das áreas de praças, parques, áreas verdes e caixa de rua.
- \*\* Espaço privado entendido como a área parcelada ou vazio urbano (privada).
- \*\*\* Total entendido como totalidade da área do núcleo urbano no período.
- \*\*\*\* APP calculada pela totalidade da área no período, mas não computada no total visto que em parte estão sob as áreas privadas e em parte estão sobre os espaços públicos.

A análise comparativa dos dados da estrutura do núcleo urbano de 1965, 1996 e 2016 (Figura 15) revelam que a forma urbana de Chapecó ao longo se sua consolidação foi perdendo potencial para efetivação da vitalidade urbana como um projeto de sociedade para a cidade e que se encontrava presente na origem do parcelamento deste núcleo (Figura 16 – visível estreitamento da caixa de rua da parte norte para a sul do traçado). Importante destacar o aumento sistemático das áreas parceladas ou vazios urbanos, ou seja, do espaço privado; e que o pequeno aumento na porcentagem dos espaços de uso público e coletivo não representa mais áreas de convívio coletivo, pois resultam da eliminação das áreas de estacionamento de veículos, principalmente nos assentamentos de interesse social.

Por fim o percentual das áreas que qualificam a vida urbana cai expressivamente de 1965 para 1996 e continua reduzindo quando observado o valor de 2016, comprovando o que se tem sentido nas cidades: a falta de espaços e de valorização das áreas coletivas enquanto qualificadores da vida na cidade e de sua vitalidade.

Anos em estudo	Núcleo urbanizado (hectares)	Espaços livres públicos e caixa de rua (%)	Áreas parceladas ou vazios urbanos (%)	Espaços de uso público e coletivo (%)	APP (%)	Áreas que qualificam a vida urbana (%)
1965	298,87	32,66	67,34	10,62	6,41	17
1996	3.755,00	23,27	76,73	7,54	4,33	11,87
2016	6.304,42	21,53	78,47	7,92	3,73	11,67

**Figura 15:** Quadro comparativo da análise qualitativa do Núcleo Urbano de Chapecó.





XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA

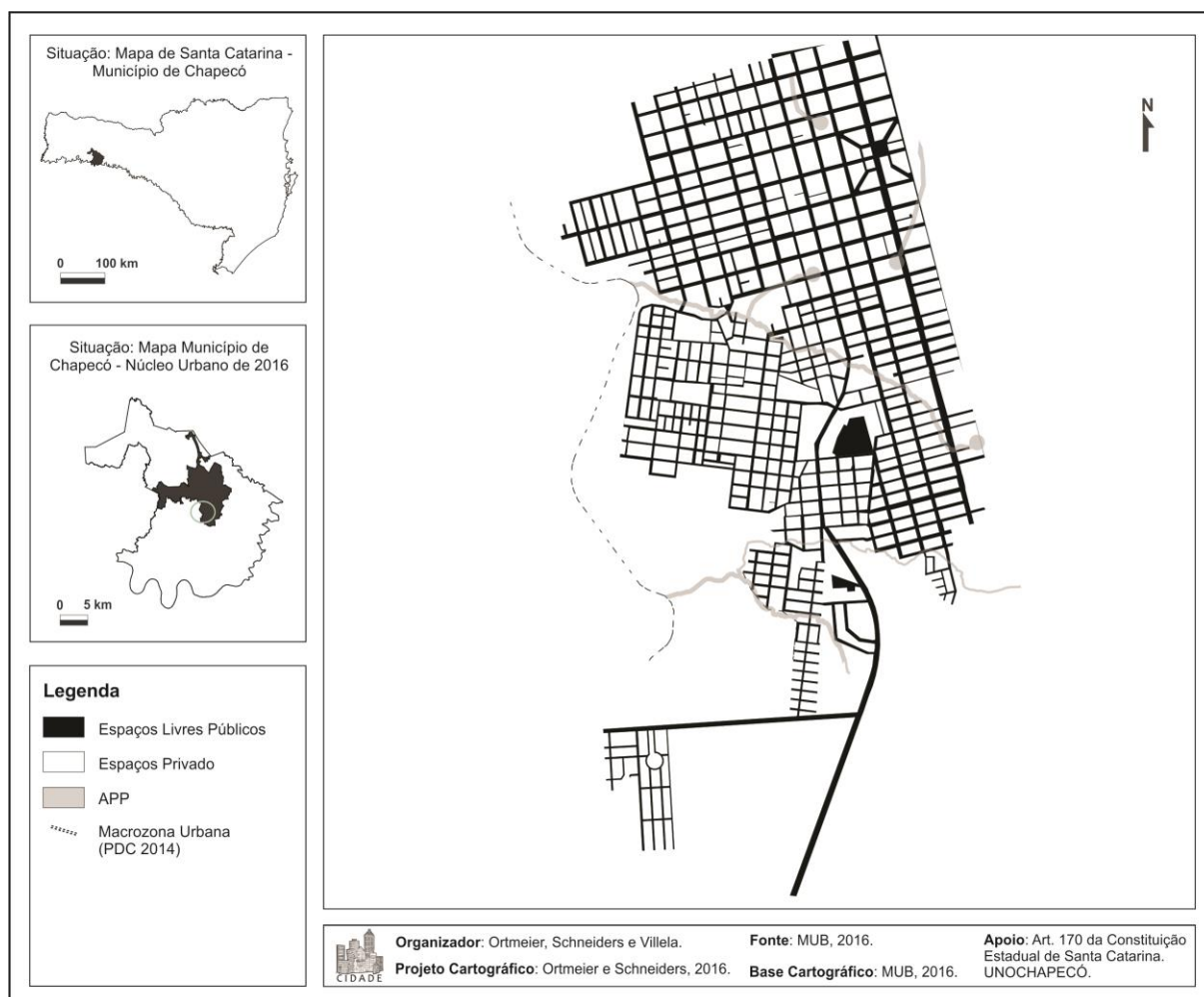


Figura 16: Mapa Figura/Fundo com detalhe da perda do potencial para efetivação da vitalidade urbana da área central (ao norte) para a área de expansão (ao sul).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiu-se do entendimento de que a relação forma urbana-vida social é intrínseca, e mostrou-se como a forma urbana expressa/registra o que se chamou de estrutura mais exógenas para a vitalidade urbana, contribuindo para a reflexão de como efetivamente Chapecó tem sido constituída enquanto expressão de sua sociedade. De modo geral as cartografias de figura/fundo mostraram a perda gradativa de predisposição/intencionalidade para o controle do espaço, e com isso, segundo Jacobs, abrindo mão da vitalidade e conseqüentemente da segurança.

A mesma conclusão chegou à análise da inserção da verticalização edilícia e paulatina perda de conexões/acessos do traçado o que gradativamente eliminou os olhos sob as ruas e as vivências nos espaços livres, e que também produziram a perda de sensação de segurança. Ponto interessante é a



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



retomada do incentivo a diversidade de usos nos últimos anos, apontando para a intencionalidade do incentivo a circulação de usuários.

Contudo o que se pode observar é o esvaziamento sistemático do planejamento para a construção de uma efetiva vitalidade no/do território e em prol da qualidade de vida de seus habitantes para endossar a lógica privada da posse da terra, o que em muito está vinculado à especulação. Ou seja, Chapecó tem sequencialmente aberto mão da intenção original de relação forma urbana-vida social mais harmônica entre os espaços públicos e privados e com isso se afastado da construção efetiva de uma vitalidade urbana que possibilite as trocas e convívios e vise à qualidade de vida da população.

Por fim foi possível avaliar que a metodologia aplicada permite aplicação e análise de outras cidades médias brasileiras, mesmo que distantes e não tão familiares, o que irá possibilitar uma agenda bem mais complexa de pesquisa e reflexão.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPÓSITO, Maria Encarnação B. **Cidades Médias: Espaços em transição**. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

CHAPECÓ. Lei Complementar Nº 541 de 26 de novembro de 2014 que modifica o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de Chapecó. Chapecó: Prefeitura Municipal de Chapecó, 2014.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James Luiz. Agroindustrialização e Urbanização de Chapecó-SC (1950 – 2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **REDES - Revista Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, jan/abr 2014, p. 187 - 215.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2015.

GEHL, Jan; GEMZOE, Iars. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Ed. Atlas, 2002. 175p. Disponível em:



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL  
SALVADOR – BAHIA - UFBA



[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf).

JACOBS, Jane (1961). **Morte e vida de grandes cidades**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAPA, Tomás de Albuquerque. Verticalização Urbana e Especulação Imobiliária Face aos Paradigmas da Cidade Compacta e da Cidade Espreada. In: **Anais Encontro Nacional da ANPUR**, v. 15, 2013. Disponível em: <http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/issue/view/111#>. Acesso em 22.04. 2014.

NETTO, Vinicius M.; VARGAS, Julio Celso, SABOYA, Renato T. de. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 4, n. 2, p. 261-282, jul./dez. 2012 .

NETTO, Vinicius M. Cidade e entropia social. In: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; SZAPIRO, Ana Maria. **Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modos de ser e habitar as cidades**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 116-143.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Cidades Médias: Espaços em transição**. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007.

VILLELA, A. L. V. .Colonização, cultura e território: o caso de Chapecó/SC. Cadernos do CEOM - Chapecó: Argos, 2007. n. 27, p. 159-185.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

